

MARCADORES DISCURSIVOS NA TRADUÇÃO ALEMÃ DE MEMORIAL DO CONVENTO, DE JOSÉ SARAMAGO — UM OLHAR CRUZADO SOBRE *ENFIM E JA*

CONCEIÇÃO CARAPINHA
CORNELIA PLAG*

Resumo: Enquanto elementos orientadores de leitores e ouvintes na articulação de diferentes segmentos textuais e no processamento da informação, os marcadores discursivos (MD) assumem-se como elementos característicos do estilo individual, sendo, conseqüentemente, também relevantes nos textos literários. Importa perguntar, no entanto, se os contextos de uso dos MD e os seus índices de frequência coincidirão em duas línguas e culturas diferentes, e se é possível detetar, na tradução, os mesmos padrões de coesão do texto literário original, ou seja, perguntar se, no ato de tradução dos MD, prevalecem as idiosincrasias estilísticas do autor ou do tradutor e até que ponto as opções do tradutor influirão na riqueza semântica do texto original. Lançando olhares cruzados sobre o romance *Memorial do Convento*, da autoria de José Saramago, e sobre a sua versão alemã, *Das Memorial*, a cargo de Andreas Klotsch, procurar-se-á responder a algumas destas questões, realizando, para o efeito, uma análise subdividida em duas etapas: (i) a análise do MD *enfim*, um dos mais produtivos no texto de partida, e a identificação de algumas das opções de Andreas Klotsch na tradução deste marcador, (ii) a análise do MD *ja*, presente no texto alemão, e a identificação dos trechos correspondentes no texto em português. Pretende dar-se, assim, um contributo ao estudo dos marcadores em geral e aos desafios da sua tradução no texto literário em particular.

Palavras-chave: Marcadores discursivos; *Enfim*; *Ja*; Tradução; *Memorial do Convento*.

Abstract: As guiding elements for readers and listeners in the articulation of different textual segments and in the processing of information, Discourse Markers (DM) are characteristic elements of individual style and are therefore also relevant in literary texts. It is pertinent to ask, however, whether the contexts of use of DM and their frequency coincide in two different languages and cultures, and whether it is possible to detect the same patterns in the translation as in the original text. It is therefore important to ascertain to what extent the stylistic idiosyncrasies of the author or translator prevail in the act of translation of DM and to what extent the translator's choices will influence the semantic richness of the original text. By cross-linking José Saramago's novel *Memorial do Convento* with the German version, *Das Memorial*, by Andreas Klotsch, we will try to answer some of these questions: (i) the analysis of the MD *enfim*, one of the most productive in the source text, and the identification of some of Andreas Klotsch's options in the translation of this marker, (ii) the analysis of the MD *ja*, present in the German text, and the identification of the corresponding passages in the Portuguese text. With this crossing of perspectives, we intend to contribute to the study of markers in general and to the challenges of their translation in the literary text in particular.

Keywords: Discourse markers; *Enfim*; *Ja*; Translation; *Memorial do Convento*.

* Universidade de Coimbra, CELGA-ILTEC (UID FCT: 4887), Faculdade de Letras. Email: mccarapinha@fl.uc.pt, ORCID: 0000-0001-7860-6561; Email: cornelia.plag@fl.uc.pt, ORCID: 0000-0002-5644-8723. Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDP/04887/2020 e UIDB/04887/2020.

INTRODUÇÃO

Os marcadores discursivos (doravante, MD) são expressões usadas para conectar segmentos textuais de maior ou menor extensão, dando coerência ao discurso e sinalizando diferentes tipos de nexos semânticos (contraste, retificação ou síntese, entre outros). Ao darem instruções ao ouvinte/leitor sobre a forma de processar a informação contida no texto, facilitam a construção de uma representação mental que faça sentido.

No caso da recepção de textos literários, que abrem amplas possibilidades de leitura e em que se cruzam as vozes do autor, do narrador e das personagens, qual o papel desempenhado pelos marcadores discursivos? E como lidam os tradutores do texto literário com a presença e a função destas partículas?

Partindo de um texto literário particular, *Memorial do Convento*, de José Saramago (1982), e da sua tradução para a língua alemã, da autoria de Andreas Klotsch (1986), neste estudo, analisam-se os MD presentes no texto original, a sua função em diferentes planos textuais e o modo como se reflete este reticulado nas soluções adotadas pelo tradutor alemão. Numa tentativa de olhar transversalmente o processo tradutivo, também a ocorrência de marcadores que, não estando no texto original, surgem na tradução alemã será alvo de atenção. Esta interseção de perspetivas evidenciará as convergências de sentido partilhadas pelas duas versões do texto, mas também fará emergir as diferenciadas opções tomadas pelo tradutor.

O presente trabalho tem a seguinte estrutura: em «Marcadores discursivos e texto literário», far-se-á uma breve caracterização da classe dos MD, salientando a sua relação com o texto literário; as particularidades relevantes do romance serão apresentadas em «A escrita saramaguiana — o estilo da obra *Memorial do Convento*»; a secção seguinte contextualizará a tradução em estudo; os dados serão analisados em «MD em *Memorial do Convento* e respetivas traduções (nas duas direções) — análise dos dados»; o texto encerrará com as «Conclusões».

MARCADORES DISCURSIVOS E TEXTO LITERÁRIO

Os marcadores configuram uma classe de itens lexicais de natureza pragmática, apenas definível pela função que desempenha no discurso. Sinalizando uma grande diversidade de nexos semânticos, os MD podem acumular diferentes funções, o que os torna polifuncionais. Não participam do conteúdo proposicional dos enunciados, revelando-se, portanto, itens opcionais, mas a sua presença é relevante, pois desempenham funções pragmáticas, relacionadas com a gestão das relações interpessoais, com a expressão da cortesia, ou simplesmente com a naturalidade do discurso. Neste quadro, qual a relevância dos marcadores discursivos no texto literário?

O texto literário é um texto de estrutura complexa, com múltiplas camadas de significado que cabe ao leitor descodificar. Ao manifestarem as intenções do locutor¹ — neste caso, do autor do texto literário —, os MD auxiliam a leitura. Na literatura, porém, a pretensão de deixar o texto menos literal e mais aberto pode ser um objetivo do autor². Nesta linha de raciocínio, o romance pode orientar a leitura e sinalizar, explicitamente, por exemplo através de um MD, muitos dos nexos semânticos que ligam diferentes partes da narrativa ou, em alternativa, deixar esses nexos implícitos, obrigando o leitor a fazer inferências e a reconstruir um sentido. Se, numa só língua, os MD já carregam amplas possibilidades de interpretação, o trabalho de tradução do texto literário vem acrescentar um outro olhar, ou seja, mais uma interpretação, o que explica o facto de que os MD «vengan interpretados diferentemente por los diferentes traductores. Es decir, la polifuncionalidad del marcador lleva consigo una diversidad de interpretaciones y, por consiguiente, de traducciones»³.

Sendo certo que há várias formas de recriar, na língua de chegada, o sentido do texto original, as opções à disposição do tradutor, no tocante aos MD presentes no texto de partida, incidem sobre diferentes planos do discurso, podendo materializar-se no recurso a um equivalente, a uma solução lexical, a uma estratégia sintática ou a um sinal de pontuação, por exemplo. Além disso, e frequentemente, a omissão é a escolha preferencial, não apenas porque o tradutor privilegia o conteúdo referencial, mas também porque, não raro, os MD apresentam um feixe de valores amalgamados, sendo difícil discernir qual o mais importante naquele contexto particular.

Por outro lado, é frequente encontrar, na literatura traduzida, MD que não se encontravam presentes no texto original. Esta opção deve-se a uma miríade de fatores, por entre os quais podemos salientar a criatividade do tradutor, a sua sensibilidade, a tentativa de criar idiomaticidade e/ou a eventual necessidade de compensação. Poder-se-á falar, nestes casos, de um maior grau de explicitação do texto de chegada face ao texto de partida? A resposta a dar a esta pergunta não é fácil.

Blum-Kulka foi uma das primeiras autoras⁴ a salientarem o procedimento da explicitação, resultante do trabalho do tradutor, que tenderia a clarificar alguns nexos coesivos, podendo até, nas palavras da autora, ser considerado um universal da tradução. Já Baker⁵, recorrendo à análise de *corpora* comparáveis, comprovou a existência de procedimentos de neutralização na tradução, que abrangem também a explicitação. Esta visão inicial, mais polarizada, que caracteriza os textos traduzidos como mais explícitos ou mais implícitos (que o original) parece não fazer jus aos muitos matizes

¹ CRIBLE, 2019.

² FUENTES RODRÍGUEZ, 2010: 722.

³ GIL, 2017: 79.

⁴ VINAY, DARBELNET, 1977 [1958]: 163 e ss. já tinham mencionado este aspeto, mas a partir de uma abordagem descritiva de procedimentos adotados por tradutores.

⁵ BAKER, 1996: 184.

de sentido que percorrem os textos, sobretudo os literários, e por isso tem vindo a ser relativizada, já que outros fatores, tais como o próprio par de línguas e respetivos filtros culturais, podem determinar o maior ou menor grau de explicitude de um texto. Nesta medida, julgamos ser lícito defender, com Becher, que as traduções se posicionam num *continuum* implícito-explicito e que «explicitations tend to be more frequent than implicitations in translation, thus allowing for exceptional cases where cultural distance is insignificant and/or communicative risk is low. In these cases, we do not expect explicitations to outnumber implicitations»⁶. Entretanto, o facto de um tradutor inserir um marcador específico num determinado fragmento textual que originalmente não o tinha pode orientar, de alguma forma, a leitura; contudo, quase nunca um marcador apresenta um valor instrucional unívoco e ainda que o processo interpretativo venha a ser mais orientado, o leitor será sempre chamado a preencher os vazios e a reconstituir o sentido global da mensagem.

A ESCRITA SARAMAGUIANA — O ESTILO DA OBRA MEMORIAL DO CONVENTO

Segundo Arnaud⁷, a produção romanesca saramaguiana pode dividir-se em três ciclos distintos. O primeiro, designado de ciclo da «portugalidade intensa», aborda, segundo a autora, temas históricos intrinsecamente relacionados com a realidade portuguesa. Iniciado com a obra *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977) e encerrado com *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), é neste ciclo que se integra o romance *Memorial do Convento*. Na interseção entre História, ficção e ideologia⁸, podemos também salientar a experimentação discursiva como mais uma vertente a singularizar a obra; de facto, aqui se cruzam vozes diversas — as das personagens que dialogam entre si e as do autor-narrador, que sobre estas reflete, encetando, em simultâneo, uma conversa com o leitor-narratário —, numa organização sintática, informacional e até romanesca nem sempre linear ou óbvia⁹. A oralidade sequencial e ininterrupta que caracteriza os diálogos — quase sem marcas de pontuação e sem sinais gráficos que auxiliem a interpretação — e os comentários do autor-narrador, mesclados com esses mesmos diálogos, configuram uma «peculiar técnica narrativa [...] que, frequentemente, dificulta a compreensão do leitor no que toca à identificação dos interlocutores»¹⁰. Num texto em que se verifica um uso não canónico da pontuação, concomitante com uma clara desobediência à sintaxe tradicional¹¹, é importante compreender a forma como se articulam as várias parcelas de informação e as relações de coerência que as

⁶ BECHER, 2010: 22.

⁷ ARNAUT, 2011.

⁸ ARNAUT, 1996.

⁹ JOHNEN, 2020.

¹⁰ ARNAUT, 1996: 45.

¹¹ ARNAUT, 2006.

unem num todo coerente. Tendo os MD a função de assinalar essas relações, é tão importante analisar o seu tipo e a sua presença, quanto, sobretudo, a sua ausência. Ora, na complexa teia narrativa que se se constrói em *Memorial do Convento*, os MD parecem operar em dois planos distintos: no plano da diegese, sinalizando as relações de sentido entre os diferentes eventos que constituem a trama, e no da metadiegeese, em que o autor-narrador dialoga com o leitor-narratário e comenta a própria história. Como veremos, os MD, e mais concretamente os mesmos MD, podem atuar neste duplo plano, configurando assim mais uma particularidade deste romance.

ENQUADRAMENTO DA TRADUÇÃO — O ROMANCE *MEMORIAL DO CONVENTO* E A SUA VERSÃO ALEMÃ

Andreas Klotsch, nascido em Ghimbav, na atual Roménia, em 1937, notabilizou-se como tradutor de obras de autores brasileiros e portugueses, como Jorge Amado, Eça de Queiroz ou José Saramago. Entre 1964 e 1980, foi tradutor de literatura latino-americana da editora Volk und Welt, da República Democrática Alemã (RDA), tendo depois passado a trabalhar como profissional independente. Para a editora Aufbau-Verlag, traduziu, entre 1986 e 1995, cinco livros de Saramago: *Das Memorial*, 1986, *Das steinerne Floß*, 1990, *Geschichte der Belagerung von Lissabon*, 1992, *Das Evangelium nach Jesus Christus*, 1993, *Der Stuhl und andere Dinge*, 1995.

A sua qualidade como tradutor foi reconhecida em 1991, quando Klotsch recebeu o *Hieronymusring* (Anel de São Jerónimo), distinção atribuída pela associação de tradutores literários VDÜ. O elogio do galardão destaca precisamente a forma como conseguiu dar vida às traduções saramaguianas:

*Diese unendlichen Sätze, die einen hypnotisch in den Text hineinziehen, einen geradezu einsaugen! Wir alle wissen, wie schwierig es ist, solche Sätze so ins Deutsche zu übertragen, daß sie nicht holpern oder durchhängen, sondern schwingen, klingen und einen Atem haben, der sie trägt. Andreas Klotsch ist dies, wie ich finde, meisterhaft gelungen*¹².

Em sentido divergente ao da prática comum nos países ocidentais, na RDA, os tradutores gozavam, aliás, do reconhecimento das editoras. Como refere Kind¹³, eles não eram considerados o elo mais fraco, que permitia às editoras economizarem meios. Nas revisões conjuntas dos textos entre responsáveis editoriais e tradutores, aplicava-se o princípio de que «im Zweifelsfall galt der Wille des Übersetzers»¹⁴.

¹² LIST, 1991: 1.

¹³ KIND, 2017: 240.

¹⁴ KIND 2017: 300.

Este estatuto relativamente privilegiado não se refletia, no entanto, em todas as condições de trabalho. O êxito das traduções de Saramago foi alcançado com muito esforço, pois eram muitos os constrangimentos que dificultavam a tarefa de um tradutor na RDA; na verdade, Klotsch não tinha acesso a fontes de consulta documentais, tal como se depreende da citação seguinte:

Andreas Klotsch mußte den Roman Das Memorial mit einem einzigen Wörterbuch übersetzen, dem Langenscheidt Taschenwörterbuch. Er kannte vier Standorte für verschiedene deutsch-portugiesische Wörterbücher: zwei gab es in Ostberlin, ein Exemplar in Rostock, ein Wörterbuch in Leipzig. Er sammelte die Zweifelsfragen und schlug vor Ort nach¹⁵.

Não obstante tais dificuldades, o resultado obtido fez da tradução, *Das Memorial*, um dos «[Höhepunkte] portugiesischer Erzählkunst im 20. Jh.»¹⁶. Contribui para este êxito também o estilo do autor:

Der Sprachstil spottet in seinen wuchernden Schlingen und falschen Zitaten ebenso jeder Ordnung wie das Erzählen, das nicht zwischen Wahrheit und Lüge, Vergangenheit und Gegenwart unterscheidet, sondern alles vermischt, wobei immer wieder das Prinzip der Unvollkommenheit, des Formlosen oder Verstümmelten (der einhändige Baltasar) als dasjenige betont wird, das der eigentlichen Wahrheit am nächsten komme¹⁷.

Com efeito, o estilo muito próprio, e muito particular, do romance *Memorial do Convento* deve ter constituído um desafio enorme para Klotsch, nas condições de trabalho em que o traduziu. Mais um elemento a dificultar essa tarefa terá sido, seguramente, o uso criativo dos marcadores no texto de partida.

MD EM MEMORIAL DO CONVENTO E RESPETIVAS TRADUÇÕES (NAS DUAS DIREÇÕES) — ANÁLISE DOS DADOS

Considerações de ordem metodológica

Numa primeira fase, e numa abordagem claramente semasiológica, foi delimitado o conjunto de marcadores que já tinha sido objeto de estudos prévios, realizados pelas autoras, em outros géneros textuais. O levantamento dessas expressões, no romance,

¹⁵ MERTIN, 1991: 73.

¹⁶ GROSSEGESSE, 2015: 183.

¹⁷ GROSSEGESSE, 2015: 184.

devolveu os seguintes resultados: afinal (51); aliás (10); antes (91); desde logo (1); digamos (2); enfim (102); isto é (1); na verdade (1); ou seja (0); por outras palavras (1).

Numa segunda fase, cada uma destas expressões foi sujeita a uma análise individualizada, no sentido de identificar aquelas que, no texto de Saramago, verdadeiramente funcionam como marcadores discursivos, considerando que algumas destas expressões se encontram em fase de gramaticalização¹⁸ e podem, portanto, desempenhar ainda uma função sintática específica. O teste da paráfrase, com outro marcador, permitiu aferir os usos que são marginais à predicação oracional e que, portanto, permitem identificar MD e, simetricamente, aqueles que (ainda) não desempenham esta função.

Concluída esta triagem, verificou-se que a ocorrência do marcador *enfim* foi a mais significativa e foi este o MD alvo da nossa pesquisa, no romance.

Estudos sobre *enfim*

Este item lexical tem, na atual sincronia do português, e de acordo com o estudo de Lopes¹⁹, diferentes valores, apresentando «uma rede de significados interligados por parencas de família, com zonas de sobreposição numa cadeia de afinidades conceptuais»²⁰. Nessa rede, sobressaem os contextos em que *enfim* fecha uma sequência ou listagem de termos — exemplo (1) *infra*. Nestes casos, é substituível por «por fim» e este uso ainda retém grande parte do valor temporal original — lembremos a etimologia da expressão, que deriva da locução latine *in fine*²¹. Numa extensão mais recente deste valor, e embora o MD continue a encerrar uma sequência de segmentos discursivos prévios, adquiriu já o valor de introdutor de síntese de tudo o que foi dito, contextos em que o valor temporal parece estar bastante mais delido, e em que só o MD «em suma» pode ocorrer como substituto — exemplo (2) *infra*. Sobressaem ainda os contextos em que o MD parece ter reorientado esse ingrediente temporal para passar a sinalizar uma expectativa (que, por fim, e após algum tempo, se cumpre), bem como uma avaliação subjetiva do conteúdo proposicional, numa deriva claramente modal, contextos em que a paráfrase só funciona com «finalmente» — exemplo (3) *infra*. Um outro valor é o de marcador de fim de hesitação, numa extensão claramente metadiscursiva, em que o falante sinaliza a sua procura da expressão mais adequada, e em que apenas os marcadores conversacionais «bom»

¹⁸ Processo pelo qual uma expressão deixa de funcionar com o seu significado pleno, integrada na sintaxe oracional, para se tornar cada vez mais convencionalizada, isto é, despojada desse significado, passando a exercer apenas funções gramaticais, à margem da oração. Este é o processo pelo qual passa(ra)m muitas expressões que, entretanto, se estão a tornar ou já se tornaram marcadores discursivos. Veja-se, por exemplo, TRAUGOTT, HEINE, 1991; KOOPS, LOHMANN, 2015.

¹⁹ LOPES, 2008.

²⁰ LOPES, 2008: 71.

²¹ LOPES, 2008: 63 *passim*.

ou «bem» o podem substituir — exemplo (4) *infra*. Vejamos então os exemplos apresentados por Lopes:

(1)

*cada um dos negociadores rebeldes disse depois, na respectiva língua indígena [...] ser «tanto um cidadão de Chiapas como do México», cabendo, **enfim**, a Marcos afirmar, em nome do Comandante-Geral do comité Clandestino Revolucionário Indígena, que nenhum rebelde está arrependido de ter pegado em armas no primeiro dia do ano.*

(2)

*Imagine-se a mesa do pequeno-almoço, acabada a refeição, cheia de migalhas de pão, pingos de sumo de laranja, o pacote de cereais, **enfim**, a trapalhada do costume.*

(3)

*LX-90, um dos grupos por mais badalados que surgiu no ano passado [...], estreou-se **enfim** em concerto ao vivo.*

(4)

*O actor que faz de Jim deixa um pouco a desejar e J. Malkovitch... **enfim**: digamos que há os que o idolatram e os que o abominam.*

Nesta rede de significados interligados, Lopes antevê um significado básico a partir do qual partem sucessivas ramificações. Por um lado, a partir da sua função básica (e etimológica) de marcador de fim de listagem temporalmente ordenada de situações, *enfim* passa a assinalar a planificação do discurso, introduzindo uma súmula conclusiva. Deste valor pode decorrer o uso de *enfim* como marcador de fim de hesitação, uma vez que, com esta função, se sinaliza a ocorrência de um discurso não verbalizado e que é substituído por uma formulação distinta, mais mitigada.

Por outro lado, e numa outra extensão, é plausível que se tenha passado de marcador de fim de listagem temporalmente ordenada de situações a um marcador que comenta, de forma avaliativa, uma determinada situação como sendo tardia face a uma expectativa. Nesta linha de desenvolvimento dos sentidos do marcador, e segundo Lopes²², é notório o processo de progressiva subjetivação a que o seu sentido tem sido sujeito, envolvendo cada vez mais a voz e a opinião do locutor.

²² LOPES, 2008.

Equivalentes alemães do marcador *enfim*

Considerados os valores do marcador, impõe-se agora averiguar quais os equivalentes lexicais alemães que correspondem a estas diferentes funções. Nos dicionários consultados, surgem como equivalentes de *enfim* as seguintes expressões: *endlich*, *schließlich* e *na ja*²³. Uma primeira e importante observação diz respeito ao facto de nenhuma destas expressões poder assinalar a introdução de uma síntese conclusiva, o que inviabiliza o seu uso para traduzir o valor previsto no exemplo (2). Por outro lado, *endlich* e *schließlich*, dois advérbios com valor temporal, podem traduzir o valor presente nos exemplos (1) e (3), mas muito dificilmente o valor encontrado em (4), para o qual só *na ja* parece ser o adequado. É ainda importante referir que a expressão alemã *endlich* assinala, sobretudo, o fim de um período de espera, hesitação ou dúvida sentido como demasiado longo, adquirindo assim um forte valor modal e podendo traduzir o valor presente no exemplo (3). Por sua vez, *schließlich* pode também marcar o final de um período, mas sem a componente de espera subjetiva que caracteriza a expressão anterior. Além disso, a expressão alemã *schließlich* pode ter um valor próximo de «afinal» quando este sinaliza a introdução de uma justificação (podendo este valor ser também parafraseado por «é que»), função que muito dificilmente será desempenhada por *enfim*. Com estes dados, é possível compreender a inexistência de correspondências exatas entre as expressões nas duas línguas e, tal como alguns autores já salientaram, a dificuldade em traduzir marcadores discursivos: «translating DMs appears to be particularly difficult, much more so than in the case of other parts of speech, since words used in a DM function are “indeterminate” *per se*, and one can determine DMs only with regard to the specific usage in context»²⁴.

Enfim no romance *Memorial do Convento*

Ao analisarmos a presença de *enfim* no texto saramaguiano, sobressai um primeiro aspeto: a abundância dos usos marcadamente temporais de *enfim*. Falamos dos casos em que há um evidente nexos temporal entre as situações descritas. Vejamos dois exemplos:

(5)

*e nos braços do duque, quem vai, vai a princesa, enfaixada de linhos, franzida de laços, escorrida de fitas, e atrás do pátio a nomeada aia, que é a condessa de Santa Cruz velha, e todas as damas do paço, as formosas e as não tanto, e **enfim***

²³ Os dicionários consultados foram os seguintes: LANGENSCHIEDT TASCHENWÖRTERBUCH Deutsch-Portugiesisch/Portugiesisch-Deutsch; LEOs Wörterbuch Portugiesisch ↔ Deutsch; PONS Online-Wörterbuch Deutsch-Portugiesisch.

²⁴ BAZZANELLA *et al.*, 2007: 11.

meia dúzia de marqueses e o duque filho, que trazem as insígnias da toalha, do saleiro, do óleo, e o resto, que para todos havia. (p. 44)²⁵

(6)

*El-rei [...] honrará a mesa do inquisidor-mor, soberbíssima de tigelas de caldo de galinha, de perdigões, de peitos de vitela, de pastelões, de pastéis de carneiro com açúcar e canela, de cozido à castelhana com tudo quanto lhe compete, e açafroado, de manjar-branco, e **enfim** doces fritos e frutas do tempo. (p. 29)*

Sendo comutável por «finalmente», mas, sobretudo, por «por fim», o marcador *enfim* sinaliza aqui uma conexão entre situações que se ordenam temporalmente e prefacia o último segmento dessa sequência de situações, correspondendo ao valor presente no exemplo (1), proposto por Lopes. Neste sentido, e tal como afirma a autora, «o seu significado é relevante no plano verocondicional», ou seja, no domínio semântico, uma vez que a sua presença atua no domínio informacional do texto, no que se configuraria, assim, como um uso mais concetual do que pragmático do item *enfim*.

Constituindo um uso muito pouco produtivo em português europeu contemporâneo²⁶, a utilização de *enfim* com este valor, pelo autor, parece configurar um uso relativamente anacrônico do marcador. Por outro lado, a ocorrência deste valor parece estar quase sempre ligada ao domínio diegético, domínio em que os eventos relatados pelo narrador se sucedem, na trama, ou em que os personagens dialogam entre si, e não tanto ao domínio metadieético, aquele em que se torna bem visível a voz e a presença do autor-narrador. Quando *enfim* ocorre com este valor, é habitualmente traduzido, através da expressão *endlich*, também esta com valor temporal.

Há, todavia, casos em que *enfim* acumula, além deste valor temporal, o valor de sinalizador de expectativa, envolvendo, portanto, a voz do autor-narrador e a sua avaliação do conteúdo proposicional. Vejamos os exemplos:

(7)

*Dá-me o pão, e eu digo-te tudo, Juras, Para que serviriam juras se não bastassem o sim e o não. Aí tens, come, e Baltasar tirou o taleigo de dentro do alforge que lhe servia de travesseira. Cobrindo o rosto com o antebraço, Blimunda comeu **enfim** o pão. (p. 46)*

²⁵ Os números entre parênteses correspondem às páginas das edições referidas na bibliografia.

²⁶ LOPES, 2008: 64.

(8)

*Uma vez por outra, Blimunda levanta-se mais cedo, antes de comer o pão de todas as manhãs, e, deslizando ao longo da parede para evitar pôr os olhos em Baltasar afasta o pano e vai inspeccionar a obra feita, descobrir a fraqueza escondida do entrançado, a bolha de ar no interior do ferro, e, acabada a vistoria, fica **enfim** a mastigar o alimento, pouco a pouco se tornando tão cega como a outra gente que só pode ver o que à vista está. (p. 56)*

Estes *clusters* de sentido são mais difíceis de traduzir e a omissão constitui, por vezes, uma escolha do tradutor, como acontece com o exemplo (7). Noutros casos, e não encontrando, na língua de chegada, uma solução com o mesmo espectro de funcionalidades e a mesma amplitude de sentidos, o tradutor opta por um marcador que claramente orienta o leitor para uma interpretação temporal; veja-se o exemplo (8), em que o equivalente escolhido foi *dann*.

Da análise dos dados, emerge um outro valor do MD *enfim*. Claramente associadas à articulação entre planos diegéticos, as ocorrências em causa evidenciam que a voz do autor-narrador se faz ouvir, em frequentes divagações, comentando a história e os acontecimentos. Com este valor, o marcador *enfim* funciona como fecho de digressão, sinalizando a retoma do fio da história, como fica óbvio nos exemplos seguintes:

(9)

*Hesitou João Elvas, no dia seguinte, se acompanharia o rei ou a rainha, mas acabou por escolher D. João V, e bem fez, porque a pobre D. Maria Ana, saindo um dia depois, veio a apanhar uma chuva de neve que parecia estar nas suas terras de Áustria, quando não fazia mais que dirigir-se a Vila Viçosa, lugar de assinalados calores em outra estação, como todos estes espaços que vimos atravessando. **Enfim**, pela manhãzinha do dia dezasseis, oito dias depois de ter partido el-rei de Lisboa, saiu completo o cortejo para Elvas. (p. 215)*

(10)

*Esta chuva de hoje não tem sido tão forte que mandassem os olheiros recolher toda a gente, sequer os dos carros de mão, menos afortunados que as formigas, que essas, estando o céu de aguagem, levantam a cabeça a farejar os astros, e recolhem aos buracos, não são nenhuns homens para terem de trabalhar à chuva. **Enfim**, vem do lado do mar, caminhando sobre os campos, uma escura cortina de água, largam os homens, mesmo sem ordem, os carros de mão, e debandam para os telheiros ou chegam-se à revessa das paredes, se vale a pena, mais molhados do que estavam não podem ficar. (p. 145)*

Não é infrequente que estes comentários contenham um ingrediente irónico e/ou humorístico, quase sempre dirigido ao leitor. Veja-se o exemplo subsequente:

(11)

*correra a nova de que vinha uma armada francesa a conquistar-nos, hipótese em que qualquer fidalgo, ou plebeu qualquer, seria aqui outro Duarte Pacheco Pereira, e Lisboa uma nova praça de Diu, e afinal a armada invasora transformou-se em uma frota de bacalhau, que boa falta estava fazendo, como não tardou a ver-se pelo apetite. De riso murcho souberam os ministros a notícia, de riso amarelo largaram os soldados as armas e os cavalos, mas foram altas e estrepitosas as gargalhadas do vulgo, assim desferrado de não poucas vexações. **Enfim**, pior que a vergonha de esperar o francês e ver chegar o bacalhau, seria contar com o bacalhau e entrar o francês. (p. 35)*

Olhando agora para as traduções de *enfim* nestes contextos — cf. exemplos (9') e (10') —, verifica-se que, nos dois primeiros exemplos citados, não é possível identificar, na versão alemã, a função de charneira que assinala a transição entre os dois planos da história:

(9')

***Endlich**, am späten Vormittag des Sechzehnten, acht Tage nachdem der König Lissabon verlassen, fuhr der vollständige Zug Elvas entgegen. (p. 393)*

(10')

***Nun aber** kommt vom Meer, über die Felder her eine finstere Regenwand. (p. 268)*

Nos dois casos, a opção do tradutor recaiu sobre elementos que claramente não consideram este efeito, ficando-se pelo valor temporal. Em (9'), ainda é admissível a interpretação de *endlich* a marcar o fim de uma expectativa, mas (10') aponta para uma leitura temporal e contrastiva que dificilmente ecoa o texto de partida.

Por outro lado, a tradução proposta em (11') parece fazer jus à versatilidade de *enfim* no contexto em causa; na verdade, *nun* (*pois bem; ora*) permite fechar o comentário jocoso do autor-narrador e sinalizar a mudança de plano:

(11')

***Nun**, schlimmer als die Schande, des Franzosen gewärtig zu sein und Klippfisch daherkommen zu sehen, wäre es gewesen, man hätte auf Klippfisch gewartet und es wäre der Franzose gekommen. (p. 65)*

À transição entre os planos diegético e metadiegético associam-se ainda as diversas e às vezes inidentificáveis vozes que se entrelaçam no texto, com o marcador *enfim* a poder funcionar em ambos, sem que seja possível destrinçar sobre qual deles incide em maior grau. Esta ambivalência constitui mais um uso particular de *enfim* nesta obra. Veja-se o exemplo seguinte:

(12)

*Ao outro dia, aí pelas onze horas dele, bateu à portaria do convento um estudante, cujo convém dizer logo que desde há tempos andava pretendendo o hábito da casa, frequentando com grande assiduidade os frades dela, e esta informação se dá, primeiro, por ser verdadeira e sempre servir a verdade para alguma coisa, e, segundo, para auxiliar quem se dedique a decifrar actos cruzados, ou palavras cruzadas quando as houver, **enfim**, bateu o estudante à portaria e disse que queria calar ao prelado.* (p. 11)

É notória, neste caso, a multifuncionalidade e a ambiguidade do marcador, que pode ter uma interpretação próxima do valor de «finalmente», numa clara sinalização de que uma expectativa se há de cumprir quando forem inventadas as palavras cruzadas — observação inequivocamente oriunda da voz do autor-narrador, que aqui dialoga com o leitor-narratário, num aparte — e uma leitura distinta, como marcador que fecha, à esquerda, um segmento discursivo, ao mesmo tempo que abre, prospetivamente, um tópico novo ou retoma um que, entretanto, havia sido descontinuado (o comportamento do estudante), atuando, desta forma, no plano da diegese. A tradução do exemplo revela, numa primeira leitura, consciência da ambivalência do marcador português, uma vez que o tradutor tenta desdobrar as funções que julga identificar no *enfim* do texto original, ao escolher os advérbios *gegebenenfalls* (*se for o caso*) e *jedenfalls* (*em todo o caso*):

(12')

*dieser Sache geschieht Erwähnung [...] jenen zur Hilfe, die sich der Enträtselung von Kreuzeshandlungen, oder **gegebenenfalls** von Kreuzworträtseln, widmen, **jedenfalls** klopfte der Student an die Klosterpforte und beehrte den Prälaten zu sprechen.* (p. 21)

Conquanto a expressão *jedenfalls* assinale o regresso do plano da história, uma das interpretações possíveis de *enfim*, a voz digressiva e premonitória do autor-narrador que dialoga com os leitores atuais perspetivando o surgimento das palavras cruzadas não se faz ouvir na tradução. Nestes casos, relativamente frequentes no romance, configura-se um uso particular — e propositadamente ambíguo — da partícula *enfim*.

Perante as duas interpretações possíveis, o tradutor optou por dar prevalência ao plano diegético, escolhendo a expressão *jedenfalls* (em todo o caso). O desafio interpretativo gerado pela coexistência dos dois valores no texto original, e, conseqüentemente, a articulação entre os dois planos parece, pois, ser dificilmente transponível para a tradução.

Ja em Das Memorial

A escolha do elemento de comparação da língua alemã recaiu sobre o marcador *ja*, por ter um número significativo de ocorrências no texto traduzido (93), e por ser, também ele, um elemento polifuncional. *Ja* pode ser classificado como partícula modal, partícula responsiva, sinal de *backchanneling* (sinal de retroação), sinal de hesitação e planificação discursivas, sinal de confirmação e pode ainda surgir em combinatórias variadas tais como *ah ja*, *ach ja*, *oh ja*. Não raro, as funções de *ja* encontram-se, aliás, amalgamadas, sendo difícil, nalguns casos, identificá-las e isolá-las com precisão.

Face a estas condicionantes, podemos dizer que este MD alemão dificilmente terá equivalentes diretos em português, com o mesmo leque de valores, o que torna interessante analisar que tipo de enunciados deu origem à sua escolha, na tradução.

Observemos um primeiro caso:

(13)

com o rodar dos tempos veremos quem vai ganhar esta Guerra. (p. 201)

(13')

mit den hingehenden Zeiten wird sich ja zeigen, wer diesen Krieg gewinnt. (p. 368)

Não há em (13) nenhuma estrutura que sugira a necessidade de introduzir, na tradução, um MD que dê instruções específicas relativamente à interpretação do enunciado. No entanto, a remoção de *ja* da versão traduzida teria alguns efeitos. Por um lado, no plano retórico, *ja* parece reforçar o valor epistémico do enunciado, produzido por um narrador «conhecedor»; por outro, a sua presença é relevante na recriação do estilo oralizante do autor português, conferindo um maior grau de idiomatidade ao texto alemão. Neste sentido, a introdução da partícula no texto traduzido pode estar, como afirma Rühlemann²⁷, ao serviço das necessidades do ouvinte e atua sobretudo no domínio interpessoal.

Olhando agora para um dos aspetos apurados a propósito de *enfim* — o de assinalar um «diálogo» autor-narrador e leitor-narratário, é também possível detetar um mecanismo análogo com o recurso a *ja*: a partícula ocorre igualmente, com alguma frequência, nos contextos de digressão em que o autor-narrador se serve de um discurso mais intimista para criar uma maior proximidade com o leitor-narratário.

²⁷ RÜHLEMANN, 2007.

(14)

É D. Maria Ana quem puxa o cordão da sineta, entram de um lado os camaristas do rei, do outro as damas, pairam cheiros diversos na atmosfera pesada, um deles que facilmente identificam, que sem o que a isto cheira não são possíveis milagres como o que desta vez se espera, porque a outra, e tão falada, incorpórea fecundação, foi uma vez sem exemplo, só para que se ficasse a saber que Deus, quando quer, não precisa de homens, embora não possa dispensar-se de mulheres. (p. 7)

(14')

Dona Maria Ana ist es, die am Klingelband zieht, auf der einen Seite treten die Kammerherren des Königs herein, auf der anderen die Damen, in der stickigen Luft wallen Gerüche, deren einer leicht auszumachen, denn ohne ihn wären Wunder wie das hiesigenfalls erwartete nicht möglich, jene andere und vielgelobte unkörperliche Schwängerung war ja einzig und ohne Wiederkehr, damit man erführe, dass Gott, wenn er nur will, der Männer nicht bedarf, wiewohl er das Weib nicht entbehren kann (p. 12 s.)

Embora *ja* não sirva para encerrar o segmento digressivo, ele tem aqui o mesmo efeito de *enfim*, no contexto mencionado, ao permitir identificar esse segmento. O exemplo (14) não exhibe nenhuma marca explícita de transição entre planos, exigindo maior esforço de processamento de informação por parte do leitor; já em (14'), o tradutor auxilia o leitor, deixando uma marca explícita dessa transição, porventura para compensar contextos em que a situação se inverte.

Para concluir, o facto de o MD alemão *ja* ocorrer sem que haja um ponto de partida para tal, no português, pode dever-se a diferentes razões: i. o tradutor procura compensar situações em que tem de sujeitar o texto a modificações, por exemplo, através de explicitação, normalização, neutralização, por não ser possível recriar a amplitude de sentidos do português; ii. o MD imprime maior idiomatidade; iii. é a partícula conversacional mais frequente, contribuindo, assim, para realçar o carácter oralizante do texto. Na verdade, talvez seja possível aplicar aqui a expressão *pragmatic enrichment*, proposta por Sequeiros²⁸, para dar conta do processo de desenvolvimento de uma determinada representação concetual do texto de partida.

²⁸ SEQUEIROS, 2002.

CONCLUSÕES

A tradução de um texto literário como *Memorial do Convento* coloca desafios a qualquer tradutor. Desde a trama histórica e religiosa até à vertente estilística, a obra apresenta complexidades de vária ordem, das quais se destacam, na perspetiva da tradução, o estilo oralizante e a transição de planos narrativos com o cruzamento de várias vozes.

O olhar cruzado lançado sobre alguns MD do original e da tradução revelou um certo equilíbrio entre as especificidades estilísticas do autor e a recriação dessas especificidades em alemão. Se, por um lado, alguns marcadores do texto português foram omitidos, por outro, a versão alemã ficou enriquecida com a inserção de outros. Assim, no cômputo geral, a riqueza semântica do texto saramaguiano não terá ficado comprometida com a opção por MD equivalentes, pela omissão ou por estratégias sintático-lexicais. Sob este ponto de vista, poder-se-á até afirmar que a versão alemã revela um uso criativo dos marcadores e que o tradutor conseguiu recriar os nexos semânticos necessários para permitir ao leitor alemão usufruir de uma narrativa vívida e pujante.

BIBLIOGRAFIA

Corpus

SARAMAGO, José (1982). *Memorial do Convento*. Lisboa: Caminho.

SARAMAGO, José (1986). *Das Memorial*. Tradução de Andreas Klotsch. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt.

Dicionários

LANGENSCHIEDT TASCHENWÖRTERBUCH Deutsch-Portugiesisch/Portugiesisch-Deutsch. Berlin: Langenscheidt.

LEOs Wörterbuch Portugiesisch ↔ Deutsch. Disponível em <<https://dict.leo.org/portugiesisch-deutsch/>>.

PONS Online-Wörterbuch Deutsch-Portugiesisch. Disponível em <<https://de.pons.com/%C3%BCbersetzung/deutsch-portugiesisch>>.

DUDEN ONLINEWÖRTERBUCH. Disponível em <<https://www.duden.de/>>.

DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA. Porto: Porto Editora. Disponível em <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>>.

Bibliografia crítica

ARNAUT, Ana Paula (1996). *Memorial do Convento. História, Ficção e Ideologia*. Coimbra: Fora do Texto.

ARNAUT, Ana Paula (2006). *José Saramago: singularidades de uma morte plural*. «Revista de Letras». II série, 5, 107-120.

ARNAUT, Ana Paula (2011). *Novos rumos na ficção de José Saramago: os romances fábula (As Intermitências da Morte, A Viagem do Elefante, Caim)*. «IPOTESI». 15:1, 25-37.

BAKER, Mona (1996). *Corpus-Based Translation Studies: The Challenges That Lie Ahead*. In SOMERS, Harold, ed. *Terminology, LSP and Translation: Studies in Language Engineering in Honour of Juan C. Sager*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, pp. 175-186.

- BAZZANELLA, Carla et al. (2007). *Italian allora, French alors: Functions, Convergences and Divergences*. «Catalan Journal of Linguistics». 6, 9-37.
- BECHER, Viktor (2010). *Abandoning the notion of «translation-inherent» explicitation: Against a dogma of translation studies*. «Across Languages and Cultures». 11:1, 1-28. DOI: 10.1556/Acr.11.2010.1.1.
- BLUM-KULKA, Shoshana. (2000 [1986]). *Shifts of Cohesion and Coherence in Translation*. In HOUSE, Juliane; BLUM-KULKA, Shoshana, eds. *Interlingual and Intercultural Communication*. Tübingen: Gunter Narr, pp. 17-35.
- CRIBLE, Ludivine (2019). *Emplois sous-spécifiés des marqueurs discursifs et/and à l'oral: stratégie (inter) subjective et variation en genre*. «Cahiers FoRELLIS-Formes et Représentations en Linguistique, Littérature et dans les arts de l'Image et de la Scène». [Consult. 19 abr. 2023] Disponível em <<https://cahiersforell.edel.univ-poitiers.fr:443/cahiersforell/index.php?id=695>>.
- FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina (2010). *Los marcadores del discurso y la lingüística aplicada*. In LOUREDA LAMAS, Óscar; ACÍN-VILLA, Esperanza, coords. *Los estudios sobre marcadores del discurso en español, hoy*. Madrid: Arco/Libros, pp. 689-746.
- GIL, Alberto (2017). *Cuestiones retórico-traductológicas de los marcadores del discurso (y de su ausencia), ejemplificadas en la traducción española de Atemschaukel (Herta Müller)*. In LOUREIRO, Ana Paula; CARAPINHA, Conceição; PLAG, Cornelia, eds. *Marcadores Discursivo e(m) Tradução*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 75-89.
- GROSSEGESSE, Orlando (2015). *José Saramago*. Das Memorial. In WILD, Gerhard. *Kindler Kompakt: Portugiesische Literatur. 20. Jahrhundert*. Stuttgart: Metzler, pp. 183-185.
- JOHNEN, Thomas (2020). *Marcadores discursivos do Português Europeu na tradução literária: As traduções italiana e sueca de dois romances de José Saramago*. In DUARTE, Maria Isabel; PONCE DE LEÓN, Rogelio, *Marcadores discursivos. O português como referência contrastiva*. Frankfurt a. M.: Peter Lang, pp. 57-74.
- KIND, Anette (2017). *Eça de Queirós auf der «Insel der Seligen»: das Werk des portugiesischen Romanciers im Ostberliner Aufbau-Verlag*. Universidade do Porto. Tese de doutoramento.
- KOOPS, Christian; LOHMANN, Arne (2015). *A quantitative approach to the grammaticalization of discourse markers. Evidence from their sequencing behavior*. «International Journal of Corpus Linguistics». 20:2, 232-259.
- LIST, Sylvia (1991). *Zur Verleihung des Hieronymusrings an Andreas Klotsch*. «Der Übersetzer». 25:11/12, 1.
- LOPES, Ana Cristina Macário (2008). *Enfim*. «Estudos Linguísticos/Linguistic Studies». 2, 61-76.
- MERTIN, Ray-Güde (1991). *Der Kakerlak im Wörterbuch*. In MERTIN, Ray-Güde; Schönberger, Axel, eds. *Zur literarischen Übersetzung aus dem Portugiesischen*. Frankfurt a. M.: TFM/Domus Editoria Europaea, pp. 69-75.
- ROSALES SEQUEIROS, Xosé (2002). *Interlingual pragmatic enrichment in translation*. «Journal of Pragmatics». 34, 1069-1089.
- RÜHLEMANN, Christoph (2007). *Conversation in Context. A Corpus-driven Approach*. London: Continuum.
- TRAUOGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd, eds. (1991). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 17-35.
- VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean (1977 [1958]). *Stylistique Comparée du Français et de l'Anglais*. Paris: Didier.